



ISSN: 2595-1661

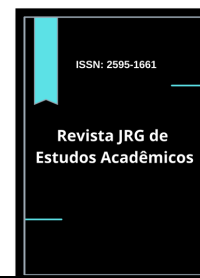
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



### A arquitetura da mente leitora :interatividade e processos cognitivos em crianças e adolescentes

The architecture of the reading mind: Interactivity and cognition processes in children and adolescents

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3174

ARK: 57118/JRG.v9i20.3174

Recebido: 09/04/2026 | Aceito: 14/04/2026 | Publicado *on-line*: 16/04/2026

#### Raquel Rosa de Barros<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0002-8406-1937>

<http://lattes.cnpq.br/7580277631345>

Faculdade Brasília (FBR)

E-mail: raquelrosadebarro@gmail.com

#### George Felinto da Silva<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0009-0000-8578-4489>

<http://lattes.cnpq.br/4948563166300555>

Faculdade Brasília (FBR)

E-mail: george.felinto@fbr.edu.br



### Resumo

Este artigo nasceu da necessidade de entender como se constitui a arquitetura da mente leitora no contexto escolar a partir de uma pesquisa bibliográfica, buscando compreender seu papel fundamental na formação de leitores críticos e autônomos. A leitura é entendida não apenas como uma habilidade técnica, mas como um processo cognitivo complexo que envolve compreensão, interpretação e construção de sentidos, conforme discutem Lev Vygotsky (1998) e Jean Piaget (1976), ao enfatizarem a relação entre linguagem, pensamento e desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, autores como Frank Smith (1989) e Kenneth Goodman (1996) contribuem ao compreender a leitura como um processo interativo, no qual o leitor mobiliza conhecimentos prévios para atribuir significado ao texto. No contexto brasileiro, Magda Soares (2004) e Ângela Kleiman (1995) reforçam a importância das práticas sociais de leitura e do letramento no ambiente escolar. O artigo também discute estratégias que possibilitam ao educador, identificar os interesses dos alunos, considerando suas vivências, repertórios linguísticos, culturais e níveis de desenvolvimento, aspecto que dialoga com Emília Ferreiro (1999), ao tratar da construção do conhecimento sobre a linguagem escrita. Além disso, são apresentadas propostas de atividades pedagógicas que visam despertar o prazer e o hábito da leitura, promovendo um ambiente significativo e motivador. Dessa forma, evidencia-se que a escola é o espaço que desempenha um papel

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Brasília (FBR). Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ciências Sociais e Humanas (2011). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Serra Geral (2018).

<sup>2</sup> Graduado em Letras Português/Inglês pela Faculdade Evangélica de Brasília (2011). Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade IESA – Instituto Filadélfia (2020). Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Católica de Brasília (2013). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin (2013). Especialista em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Inclusiva pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba (2023).



decisivo na formação de leitores, sendo necessário que o ensino da leitura esteja articulado a práticas que estimulem a curiosidade, a reflexão e o envolvimento ativo dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

**Palavras-chave:** leitura; escola; letramento; cognição; formação de leitores.

### **Abstract**

*This article arose from the need to understand how the architecture of the reading mind is constituted within the school context, based on a bibliographic study that seeks to comprehend its fundamental role in the formation of critical and autonomous readers. Reading is understood not merely as a technical skill, but as a complex cognitive process that involves comprehension, interpretation, and the construction of meaning, as discussed by Lev Vygotsky (1998) and Jean Piaget (1976), who emphasize the relationship between language, thought, and the cognitive development of children and adolescents. From this perspective, authors such as Frank Smith (1989) and Kenneth Goodman (1996) contribute by viewing reading as an interactive process in which the reader mobilizes prior knowledge to make sense of the text. In the Brazilian context, Magda Soares (2004) and Ângela Kleiman (1995) highlight the importance of social reading practices and literacy within the school environment. The study also discusses strategies that enable educators to identify students' interests, taking into account their experiences, cultural backgrounds, and developmental levels—an aspect that aligns with Emília Ferreiro (1999) in her work on the construction of knowledge about written language. In addition, it presents pedagogical activities designed to foster both the enjoyment of reading and the development of reading habits, promoting a meaningful and motivating learning environment. Thus, it becomes evident that the school plays a decisive role in the formation of readers. It is essential that reading instruction be connected to practices that stimulate curiosity, reflection, and students' active engagement, contributing to their cognitive, social, and emotional development.*

**Keywords:** reading; school; literacy; cognition; reader development.

## **1 INTRODUÇÃO**

O objetivo geral deste trabalho é discutir, com base teórica, a importância de o educador despertar no aluno o hábito de leitura, e tem como objetivo específico, definir o que é leitura, refletir sobre a sua importância e apresentar sugestões de como o professor pode trabalhar a leitura com o aluno, para que essa seja adequada à faixa etária, e às necessidades do próprio educando. A arquitetura da mente leitora é cada vez mais estudada e discutida às bases da neurociência e plasticidade cerebral.

Sabe-se que leitores não nascem feitos, e para ser um leitor é necessário passar por um processo de aprendizagem com muita prática linguística e trabalho pedagógico. Percebe-se que o tema em análise tem sido pouco trabalhado na educação, pois ensina-se muito a teoria esquecendo da prática, quando na verdade poderia ser trabalhada mais a prática de ler em sala de aula, sem que a leitura seja algo imposto ou obrigatório, apenas para fazer uma avaliação ou até mesmo para cumprir um currículo. É imprescindível que os professores alfabetizadores não apenas ressaltem a relevância da leitura para os alunos, mas também selecionem textos que estejam alinhados ao contexto social em que eles vivem, à sua faixa etária e às suas necessidades. Dessa forma, é possível despertar maior interesse, curiosidade e prazer pelo ato de ler, tornando a experiência mais significativa e envolvente.



Neste sentido gerou-se a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma a mente leitora se constitui e possibilita desenvolvimento cognitivo em crianças e adolescentes?

Para argumentação do problema apresentado, fez-se necessário uma pesquisa bibliográfica, pois esta procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos, é uma atividade que busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas sobre um determinado assunto, tema ou problema.

A seguir o primeiro capítulo deste estudo.

## Capítulo 1. Definição e Tipos de Leitura em sociedade

### 1.1 Introdução

Este capítulo tem como objetivo definir a leitura, apresentar os tipos de leitura, mostrar as suas etapas e os seus níveis.

### 1.2 Definição de leitura?

No dicionário Houaiss (2004), leitura significa ato de ler e ler no sentido etimológico, origina-se da palavra **legere** do latim e significa:

1 percorrer com a vista (texto, palavra, sintagma), interpretando-o, decifrando-o, falando em voz alta ou não. 2 examinar, estudar (conteúdo de texto, obra etc.) 3 interpretar, compreender (idéia, conceito etc.) 4 p.ext. atribuir significado, sentido ou forma a; interpretar 5 fig. Perceber a partir de indícios; deduzir 6 fig. Predizer por meio de presságios; adivinhar 7 decifrar, reconhecer (informação) por mecanismos de leitura próprio ~ ledor adj.s.m.(pág. 452).

Entende-se por leitura o processo de interação entre o texto e o leitor. Nesse processo, o leitor exerce o papel de construtor dos sentidos, buscando compreender e interpretar os textos a partir dos conhecimentos lingüísticos presentes na superfície textual, além de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo como, conhecimento de mundo, bagagem cultural, experiências e vivências.

Leitura é um processo pelo qual o leitor atribui significado a um texto, por esse motivo não pode ser vista apenas como uma atividade de decodificação, ou seja, é algo muito mais complexo do que apenas decodificar os vocábulo de uma língua.

Martins (1994, pág.32), no livro *O que é Leitura*, acentua que a leitura é um ato muito complexo que não se resume ao ato de decodificar, “decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível”. Nesse trecho, pode-se ver que decodificação e compreensão são processos que devem estar unidos para que ocorra a leitura, pois decodificar a palavra, no entanto de nada adiantará, se a ela não se atribuir um sentido, ou seja, deve haver uma compreensão, por que a compreensão é a alma da leitura. O processo de leitura se inicia pelo reconhecimento das palavras, no entanto se isso não ocorrer a compreensão do texto ficará prejudicada. Às vezes, uma palavra mal compreendida ou mal interpretada pode mudar todo o sentido do texto, por isso o tempo gasto em pesquisar no dicionário palavras desconhecidas jamais é inútil.

Compreender um texto é o mesmo que construir uma interpretação do que se lê, neste caso, o leitor além de reconhecer o código linguístico vai dar a este um significado, então só se pode dizer que alguém realmente leu, quando este retirou sentido do texto apresentado.

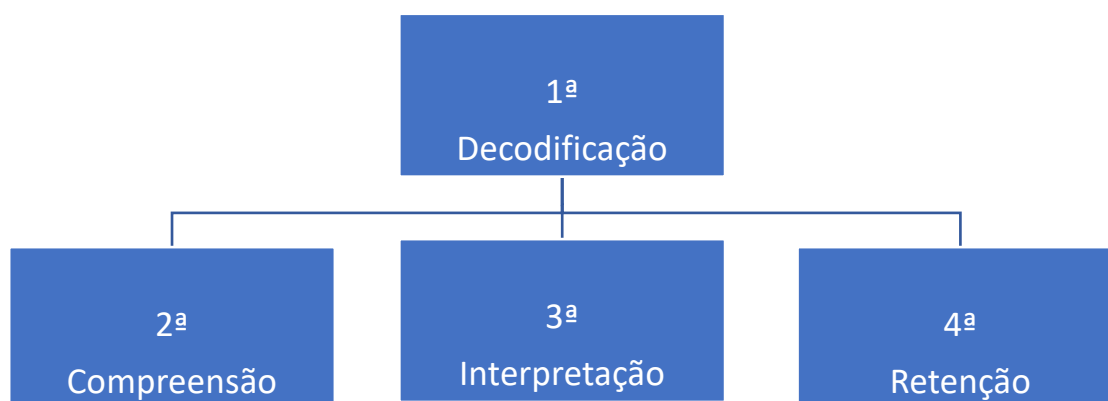


Realizar a leitura de um texto, diferente do que se pensa, não é simplesmente decodificar as letras, palavras, ou extrair informações e sim utilizar estratégias que permitam o leitor se posicionar diante do conteúdo lido, emitindo opiniões, fazendo críticas, concordando ou não com a ideia do autor presente no texto.

### 1.3 Etapas do processo de leitura: linguística e mente

Solé (1998) no livro 'Estratégias de leitura', diz que a leitura é um "processo de interação entre o texto e o leitor". Como a leitura é um processo de interação, também é importante ressaltar que alguém só interage com aquilo que conhece, porque se for apresentado um texto em inglês para alguém que só conhece o português, não iria ocorrer a interação.

De acordo com Koch (2006) sobre o ato de ler é importante saber que existem quatro etapas, como:



#### 1. Decodificação do código linguístico na mente:

Neste processo, é necessário que o leitor conheça e entenda os símbolos que representam a língua.

#### 2. Compreensão leitora na mente

Nesta etapa, há a captação do sentido do texto lido.

#### 3. Interpretação

O leitor interpreta uma sequência de ideias ou acontecimentos que estão implícitos no texto.

#### 4. Retenção leitora na mente

É capacidade que o leitor tem de absorver as informações trabalhadas nas etapas anteriores e aplicá-las, fazendo comparações, questionamentos, usando-as ainda em outros contextos, refletindo sobre a importância do que foi lido e também se posicionando de forma crítica diante do assunto.

### 1.4 Tipos de leitura

Andrade (2005) acentua que há dois tipos de leitura:

1. Leitura verbal: é a que utiliza como código a língua, esse tipo de leitura pode ocorrer de forma oral ou escrita.
2. Leitura não verbal: utiliza outros códigos diferentes da língua, pode ser feita por meio de símbolos, imagens, placas de sinalização, sons, linguagens de sinais (na qual são utilizados os gestos e expressões).



Bamberger (1977) apresenta uma visão mais ampla sobre os tipos de leitura.

1. **Leitura informativa:** que serve para aumentar o conhecimento, auxiliar na informação funcional, nas curiosidades e necessidades de orientação para a vida (livro, revistas, romances, leitura superficial). A leitura informativa não é apenas característica de jornais e revistas, ela pode ser encontrada também em romances de nossa literatura, quando analisa os costumes de um povo, etc.
2. **Leitura cognitiva:** é a leitura profunda, feita para o estudo de pesquisas, teses, exige resenha com argumentos.
3. **Leitura literária infanto-juvenil:** são as leituras de textos literários, romances, contos e outros, analisando os estilos, a forma, a narrativa, etc.
4. **Leitura recreativa:** é a leitura lazer, feita pelo prazer.
5. **Leitura textual:** feita com uma única finalidade, como a leitura de texto para a prova ou leitura de uma obra comentada para entender um texto.
6. **Leitura de correção:** é realizada para correção de certas falhas, como erros ortográficos, etc. (p.36-38)

Como se pode ver acima a interação entre o leitor e o texto é mediada também pelos objetivos ou intenções com que estes lêem o texto. Alguns textos são lidos com o intuito de buscar conhecimento, de estudar, de divertir, outros são lidos por prazer, por obrigação, também para buscar informação sobre algo e ainda para consultar uma informação.

### 1.5 Níveis de leitura

Martins, (1994) observa que há inúmeras maneiras de caracterizar os níveis de leitura. Em sua obra, apresenta as seguintes concepções, em níveis como: Sensorial, Emocional e Racional.

#### Leitura Sensorial

Segundo Martins (1994) um primeiro nível de leitura a ser trabalhado, é a leitura sensorial. Nesse sentido, a autora afirma que: “a visão, o tato, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler”.

Esse nível de leitura começa muito cedo e acompanha o leitor por toda vida. Por meio dessa leitura, o indivíduo passa a conhecer o seu gosto, como um ato inconsciente, sem precisar fazer questionamentos ou justificativas por que ele gosta ou não de determinados textos.

É nesse nível de leitura que são despertados nas crianças o gosto, o prazer, a curiosidade, pois ao ter contato com o livro, ela irá folheá-lo, observar sua forma, cores, texturas, e a partir desse ato surge a necessidade de ler, de conhecê-lo.

Para a autora, o jogo com o universo escondido num livro, estimula na criança a descoberta e aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo. Surgem as primeiras escolhas: Só o fato de folheá-lo, abrindo e fechando-o, já provoca sensação de possibilidades de conhecê-lo para dominá-lo,



rasgando-o num gesto onipotente ou admirá-lo, conservando-o para voltar rapidamente a ele.

Os primeiros contatos proporcionam à criança a descoberta do livro como um objeto especial, diferente dos outros brinquedos é uma fonte de prazer. Dá motivação para o ato de ler o texto escrito, a partir do processo de alfabetização, gerando a promessa da autonomia para saciar a curiosidade pelo desconhecido e para remover emoções vividas.

### **A função da leitura emocional no ser humano**

De acordo com Martins (1994), há um segundo nível de leitura, o emocional, que é aquele que faz o leitor sentir-se alegre ou triste, que instiga a fantasia, desperta a curiosidade e os sonhos.

Sob o ponto de vista da cultura letrada, se a leitura sensorial parece menor, superficial pela sua própria natureza, a leitura emocional também tem seu teor de inferioridade: ela lida com os sentimentos, o que necessariamente implicaria falta de objetividade, subjetivismo. Não obstante, essa leitura é mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer. (p.48,49)

Para Martins (1994), o nível de leitura emocional suscita no leitor como num toque mágico, nossa fantasia, desejos e tem o poder de libertar emoções.

O nível de leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir como se estivesse na situação e circunstância experimentada por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem.

Na leitura emocional não importa perguntar sobre o que trata o texto e sim o que o texto provoca na criança e no adolescente.

Para a autora, essa leitura enquanto passatempo revela a predisposição do leitor de entregar-se ao universo apresentado no texto, desligando-se das circunstâncias concretas e imediatas, portanto é considerada como leitura de evasão, quando, na realidade, deveria levar a uma reflexão aprofundada, pois conforme a autora, transforma-se em válvula de escape, que direta ou indiretamente ajudará a elaborar sentimentos difíceis de compreender e conviver.

Esse nível de leitura leva a uma descoberta do mundo, pois quando se faz a leitura de imagens, de obras de arte, pinturas, escultura, desperta se também o lado emocional.

### **Função leitora racional**

Na visão de Martins (1994), há um terceiro nível de leitura, o racional, na qual a autora, os leitores têm a necessidade de justificar suas preferências de leitura e racionalizar os seus gostos.

É importante ressaltar na leitura racional seu caráter reflexivo e dinâmico. Ao mesmo tempo em que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à experiência pessoal e uma visão de própria história do texto, estabelecendo-se um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza.

O processo de leitura é permanentemente atualizado e referenciado. Pode-se dizer que a leitura racional estabelece com a leitura sensorial e a emocional uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. Ela não é importante por ser racional, mas por tudo aquilo



que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social.

De acordo com Martins (1994), é difícil alguém realizar uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional, pois esses são níveis que estão inter-relacionados, e que não ocorrem de forma isolada.

Conclui-se neste capítulo que a leitura é um processo complexo que não pode ser vista apenas como um processo de decodificação do código linguístico, pois a leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor, nessa interação o leitor atribui sentido ao texto, faz inferências e procura interpretar e compreender o texto lido.

A seguir será apresentado o capítulo dois que aponta algumas reflexões acerca da leitura.

## **Capítulo 2. Reflexões Sobre a Leitura**

### **2.1 Introdução**

Este capítulo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da importância da leitura.

### **2.2 O ato de leitura**

Freire (1997), em seu livro *A importância do ato de ler*, propõe uma compreensão do ato de ler, ele não restringe a leitura à decodificação da linguagem escrita, mas a amplia para a compreensão do mundo.

Idem (1997, pág.11), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. O ato de ler é um processo importante que tem início antes da alfabetização, pois cada indivíduo possui em si uma leitura de mundo adquirida no seu contexto social.

Ibidem (1977), o ato de ler é importante, porque mostra um modo particular de ler o mundo. O modo como se enxerga o mundo, e esse modo pode se modificar quando se adquire o hábito de leitura da palavra escrita, pois a leitura verdadeira é a que relê a realidade, ou seja, que revela uma visão crítica sobre o mundo.

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer a que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escreve-lo” ou de “reescrevê-lo, que dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.( p.20)

A leitura do mundo é algo adquirido com as vivências, não surge com a prática de leitura de textos, a leitura do mundo como acentua Freire antecede a leitura da palavra. Nesse sentido, o processo de alfabetização e letramento têm início após a leitura do mundo, do meio onde os indivíduos estão inseridos, pois antes mesmo de alguém ler uma palavra, já existe uma leitura de mundo que irá basear a leitura da palavra. Portanto, o processo de formação de um leitor começa com um qualificado processo de alfabetização. E acredita-se que o mais adequado é que o indivíduo que trabalha com a educação tenha consciência de sua prática pedagógica e possa interagir a prática de ensinar com a experiência adquirida dos alunos, pois alfabetização deve se dar com palavras que fazem parte do cotidiano dos estudantes, da vida deles. Assim, o processo de alfabetização faz sentido para o aluno e a leitura da palavra se torna mais interessante e de fácil compreensão.



### 2.3 Arquetando a leitura nos Estados Brasileiros

Frequentemente fala-se sobre a importância e a necessidade de se cultivar o hábito da leitura. Porém também se sabe que um dos grandes problemas enfrentados no Brasil é a falta do hábito de ler.

Em uma pesquisa chamada “Retratos da leitura no Brasil II” divulgada em 2008, pelo Instituto Pró-livro, mostra o hábito de leitura do brasileiro.

O estudo foi realizado no fim de 2007, em 311 municípios de todo país, pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), foram entrevistadas 5.012 pessoas em cada município totalizando 172 milhões de pessoas (92% da população).

No relatório da pesquisa, há uma comparação entre os dados da primeira pesquisa em 2.000 e da segunda em 2007.

Na pesquisa realizada em 2000, foram ouvidas 86 milhões de pessoas, em 44 municípios de 19 estados, cerca de 49% da população brasileira, esse estudo mostrou que o índice médio de leitura de pessoas com mais de 15 anos e pelo menos 3 anos de escolaridade era de 1,8 livros para cada leitor por ano.

A pesquisa mais recente divulgada em 2008 mostra novos e melhores dados. Dessa vez foram ouvidas 92% da população. Essa nova pesquisa mostra que a média anual de leitores com mais de 15 anos e com ao menos 3 anos de escolaridade passou para 3,7 livros lidos por ano.

A nova pesquisa mostra que 55% das pessoas entrevistadas se dizem ser leitoras e que a média geral de cada brasileiro é de 4,7 livros lidos por ano, sendo que foram contados como leitores aqueles que leram ao menos 1 livro nos últimos 3 meses antecedentes à pesquisa. A pesquisa também mostrou que o número de livros indicados pela escola (que inclui os didáticos) é de 3,4 livros lidos por ano, o que daria um saldo de leitura voluntária de 1,3 livros lidos por habitante/ano.

Quadro Comparativo Relativo à Pesquisa	
População	Livro/ano
2.000 - 49%	1,8
2.007 - 92%	3,7
Dos 92% - 55% Leitores assíduos	4,7
Escola	3,4

Como se pode ver na pesquisa, o número de livros lidos por habitante teve um aumento, porém a leitura no Brasil é algo que deixa a desejar, pois ainda é muito pouco o número de livros lidos e o único meio capaz de reverter esta situação é a educação, já que segundo a pesquisa apresentada a escola exerce um papel significativo quanto a quantidade/qualidade de livros lidos.

A leitura é parte integrante tanto na vida escolar como fora dela, não é um processo que se limita somente ao período em que se está estudando, mas escola é a principal responsável pelo hábito de leitura, já que a maioria das pessoas tem contato com livros por meio da escola, e é importante que a escola assuma o seu papel na formação de leitores, pois ela é a grande promotora da leitura. Nesse sentido, é necessário que os professores estejam preparados para essa tarefa tão importante, que é o processo de ensino-aprendizagem.

O hábito de ler deve ser estimulado desde a infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e prazeroso, e toda instituição educacional deve propiciar o incentivo à leitura, pois dessa forma têm-se adultos bem informados e críticos.



## 2.4 Efeitos positivos e mentais da leitura. Por que lemos?

Os parâmetros curriculares de língua portuguesa (2001, pág.64) esclarecem que a prática de leitura na escola, é importante, pois ela pode:

- Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;
- Estimular o desejo de outras leituras;
- Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
- Permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- Expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;
- Aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares – condição para a leitura fluente e para a produção de textos;
- Possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
- Informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;
- Ensinar a estudar;
- Possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;
- Favorecer a aquisição de velocidade na leitura;
- Favorecer a estabilização de formas ortográficas. (pág.64,65)

Como pôde-se ver, aquele que lê enriquece o seu vocabulário, abre novos horizontes, entra em contato com pensamentos e com diferentes pontos de vista. Por meio da leitura, o ser humano cresce e conhece o universo, mesmo porque o leitor atribui sentido ao texto e descobre formas diferentes de aprendizagem, ler a vida, ler no sentido de interpretar, observar, refletir.

Se a leitura tem todo esse poder de transformação imagine se ela for trabalhada de forma prazerosa e lúdica desde a pré-escola e passando por todos os níveis da educação, dessa forma tem-se um leitor ávido, que irá descobrir melhor o mundo, o seu mundo, o mundo dos outros, e assim adquirindo conhecimentos por meio do mundo da leitura. Portanto, é essencial que o processo de leitura ocorra desde a infância e se torne contínuo pela vida de cada indivíduo. Que este se desenvolva em todos os sentidos, seja ele social, político, intelectual; através da palavra escrita e da leitura da realidade de mundo.

## 2.5 Como formar bons leitores competentes:

A leitura é um processo que tem por objetivo formar bons leitores e consequentemente bons escritores, pois o processo de escrita depende da leitura, e esta por sua vez é a matéria prima da escrita.

Os parâmetros curriculares de língua portuguesa (2001) acentuam que para formar leitores, é preciso que a escola deixe de ver a leitura apenas como um processo de decodificação.



É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades de compreender o que tentam ler. (pág. 55)

Formar um bom leitor é formar alguém capaz de compreender o que ler que possa atribuir sentido ao texto, identificando os elementos implícitos, as intertextualidades, as inferências. Para isso, é necessário que a escola tenha um projeto de leitura, no qual os alunos possam ter contato com textos diversificados e não apenas com os textos do livro didático.

Os parâmetros curriculares de língua portuguesa (2001, pág.58) colocam que o processo de formação de leitores exige algumas condições para favorecer a prática de leitura, são elas:

- Dispor de uma boa biblioteca na escola;
- Dispor nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- Organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;
- Planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- Possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- Garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- Possibilitar aos alunos o empréstimo de livro da escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa – principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- Quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros – o que já compõe uma biblioteca de classe – do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem a oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um;
- Construir na escola uma política de formação de leitores na qual possam contribuir para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar. (pág. 58-59)



Como pode se ver, a escola deve proporcionar mecanismos que favoreçam a leitura, que seja capaz de formar leitores críticos, que possam atuar sobre o texto.

A escola como um todo tem papel fundamental na formação de leitores, pois a escola participa desse processo levando o aluno a construir sentidos, a refletir, a fazer inferências e a desenvolver sua capacidade de ampliar o conhecimento de mundo.

O lamentável é que muitas escolas do Brasil, em todos os níveis de ensino ainda não trabalhem a leitura de forma adequada, de forma que o aluno possa interagir com o texto, mas isso só é possível se as instituições de ensino saíssem da teoria e passassem a trabalhar a leitura de forma prática, onde pudesse haver encontro entre o leitor e o texto.

### **Capítulo 3. Leitura no Locus Escolar**

#### **3.1 Introdução**

Este capítulo tem por objetivo mostrar como a leitura tem sido desenvolvida no locus escolar e acrescenta algumas sugestões para que ela seja incorporada à prática de sala de aula com o objetivo de realmente formar um leitor.

#### **3.2 A leitura em sala de aula**

Teodoro (2004) mostra como o ensino da leitura está sendo trabalhado nas escolas, no qual ocorre de forma inadequada, por que acontece de forma mecanizada, na qual os alunos apenas reproduzem o que foi lido e acentua ainda que o professor não sabe o que fazer em sala de aula se não houver o livro didático.

Teodoro (2004) acentua que o ensino da leitura está sendo limitado por parte dos educadores, pois estes usam a leitura apenas para responder a um questionário ou fichas de exercícios, trabalham o texto sem contexto, sem retirar significados, variedades textuais, usando assim, a leitura fica apenas como pretexto, distanciando o aluno de seu objeto de conhecimento.

A leitura deve ser um processo de aprendizagem e não ação mecânica, onde o aluno não possa refletir e atuar sobre o texto lido e o papel do professor é direcionar o processo de leitura, fazendo o aluno pensar, fazer inferências, buscar a construção de sentidos e desenvolver a capacidade de ampliar o conhecimento de mundo. Para isso, é necessário que o professor tenha em mente que o aluno precisa sempre estar em contato com vários tipos de leitura, para que dessa forma ele possa ser estimulado a ler, pois é por meio da escola que este desenvolve o hábito de leitura.

Martins (1994) acentua que a leitura é um processo complexo que não pode ser resumida com práticas mecânicas.

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume a decoreba dos signos linguísticos por mais que de doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. (p.23)

Nesse sentido, o papel do educador é o de dar condições de aprendizagem aos educandos, para que a leitura não ocorra de forma imposta ou mecanizada.

Trata-se de um processo de interação com o aluno sobre o texto lido, ou seja, uma troca de conhecimentos, ideais e valores; o professor deve direcionar o processo de leitura, para que este venha ser melhor compreendido e cabe à escola incentivar o ato de leitura, porque é por meio da instituição escolar que se forma leitores e a leitura é um processo a ser trabalhado de forma permanente em todas as fases da vida escolar, pois somente por meio da prática de leitura que se forma cidadãos críticos.



Segundo Geraldi (2006, pág.98), a escola necessita incentivar e recuperar no aluno o prazer pela leitura. “Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio -o prazer- me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de incentivo à leitura”.

Para tanto, é necessário recuperar da nossa vivência de leitores três princípios:

1. O caminho do leitor: que passa pelo respeito aos passos e pela própria caminhada do aluno enquanto leitor.
2. O circuito do livro: é preciso deixar o aluno livre para fazer suas próprias escolhas, deixar que outros, e não só o professor, comente e indique livros.
3. Não há leitura qualitativa no leitor de um livro: a quantidade de leituras ainda pode gerar qualidade. O professor deve propiciar um maior número de leituras, respeitando a caminhada e as escolhas do aluno enquanto leitor.

Geraldi (2006) propõe que os professores trabalhem com a leitura de forma diferenciada, deixando de impor o que os alunos devem ler, e assim acentuando que os alunos possam fazer suas próprias escolhas, seja por curiosidade, por indicação de um colega, pela capa, título ou autor. Pois o indivíduo que vive intensamente em um ambiente de leitores, frequentando escolas que motive o hábito e o prazer da leitura, este tem tudo para chegar à fase adulta sendo um leitor assíduo.

A leitura pode, portanto, ser uma fonte de enriquecimento humano em todos os seus aspectos: pessoal, social e moral. À escola caberá a tarefa de orientar o aluno para que descubra esse manancial e usufrua de seus benefícios.

De acordo com Bamberger (1977, pág.59), para procurar desenvolver habilidades de leitura, o professor deve também visar a formação de apreciação e de interesse pela boa literatura. Para isso o professor:

1. Procurará descobrir quais são os motivos que mais despertam a atenção do aluno para a leitura.
2. Poderá fazer pesquisa, estudando quais são os tipos de livros que mais interessam aos alunos. Essa pesquisa pode ser realizada por meio de questionários, observações ou em diálogos.

O educador pode inteirar-se das opiniões dos alunos, do que eles procuram nos livros e do que mais os atrai em uma leitura, por meio de conversas informais, na hora do intervalo ou em passeios.

Deste modo então, o professor alfabetizador pode observar e analisar quais são os interesses dos alunos, para então poder orientar e dirigir a leitura em uma determinada turma.

Cabe ao professor alfabetizador auxiliar os educandos no processo de leitura, escolhendo textos que não só esteja ao seu alcance, mas que, sobretudo mantenha o gosto pela leitura. Nesse caso, o educador precisa estudar o nível de leitura dos educandos a fim de lhes apresentar textos de acordo com sua capacidade, para que não ocorram desinteresse e frustração no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Fazendo os educandos compreenderem que a leitura é algo importante e indispensável, pois por meio dela, pode-se adquirir conhecimento e satisfazer muitas curiosidades.



### 3.3 Interesse de leitura por faixa etária

Bamberger (1977, pág.34) pondera que cada educador deve fazer suas próprias observações e investigações, a fim de distinguir os interesses dos leitores. O autor demonstra os seguintes interesses de leitura por idade:

Idade	Livros
De 2 a 5 ou 6	Livros de gravuras e com versos infantis
De 5 a 9	Livros de contos de fadas
De 9 a 12	Histórias ambientais e de leitura fatal
De 12 a 15	Aventura, romances sensacionais e livros de viagens
De 14 a 17	Viagens, romances históricos, biografias.

Bamberger (1977) acentua ainda que:

- Idade entre dois a cinco ou seis anos:  
As crianças com essa idade fazem pouca distinção entre o mundo interior e o exterior. Por isso se interessam por livros de gravuras e dos livros com versos infantis. Nessa fase, elas se interessam pelos versos por causa do ritmo, do jogo com as palavras e seus sons.
- Idade entre cinco a nove anos:  
Idade de leitura de realismo mágico. Nessa idade, as crianças são essencialmente suscetíveis à fantasia, e se interessam por livros de contos de fadas.
- Idade entre nove a doze anos:  
Fase em que a criança começa a se orientar no mundo concreto, ela começa a captar as coisas em seu meio, e se interessa por histórias ambientais ou de leitura fatal, mas também começa a surgir o anseio por livros de aventura.
- Idade entre doze a quinze anos:  
Os interesses dos leitores nessa fase podem ser despertados principalmente através do enredo, dos acontecimentos, do sensacionalismo. Leitores nessa idade se interessam por livros de aventuras, romances sensacionais, livros de viagens.
- Idade entre quatorze a dezessete anos:  
Esses são considerados os anos da maturidade, nos quais os adolescentes começam a descobrir o próprio mundo interior, desenvolvendo um plano de vida. Nessa fase, se interessam por livros de aventura com conteúdo mais intelectual, livros de viagens, romances históricos, biografias, histórias de amor, atualidades, material fatal que frequentemente se relacione com preferências vocacionais.

### 3.4 Atividades para promover o interesse pela leitura

Bamberger (1977) em suas pesquisas sobre a leitura, afirma que é necessário promover atividades que coloquem os jovens em contato direto ou indireto com os livros, que estas atividades ocorram no meio escolar. Atividades como:



### **1. Leitura em voz alta e relato e contação de histórias**

Tem como objetivo a familiarização com a literatura. O professor ler em voz alta uma história até chegar a um ponto emocionante de modo a despertar um interesse no aluno, e este queira continuar lendo por conta própria. A leitura em voz alta e o relato de histórias oferecem motivação para a leitura pessoal, pois até os alunos que não gostam de ler se sentirão encantados.

### **2. Exposição de Livros paradidáticos**

Trata-se de uma exposição de um grande número de livros, espalhados sobre uma mesa, em sala de aula ou na biblioteca; o professor descreve em poucas palavras cada livro, também indicando os leitores a quem ele pode interessar.

### **3. Autores em prática: do oral para o escrito**

O autor faz comentários de sua obra e ler apenas um trecho relevante.

É uma atividade que não dar para ser realizada com frequência, porém tem muita importância, já que o contato do aluno com autor pode aumentar o interesse pela leitura.

### **4. Semana do livro paradidático na escola**

Na semana do livro, a escola pode promover palestras sobre a importância da leitura, o cuidado que se deve ter com o livro, a função da biblioteca, também promover palestras com escritores locais, para que os alunos possam ter contato e conhecer os autores de livros de sua região.

### **5. Exposições diversas**

Promover exposições na própria escola, nas quais os alunos possam expor e comentar sobre livros que mais gostaram. Também os alunos podem expor trabalhos que foram desenvolvidos na escola a partir de leituras, como livros escritos por eles, poemas, pinturas.

### **6. Clubinho de leitura**

No clube de leitura, pode ser desenvolvido o gosto literário, trata-se de um grupo de alunos organizados em uma biblioteca, estes leem obras e podem abrir discussões sobre o assunto abordado na obra.

Para que essas atividades possam ter êxito na escola é necessário um ambiente favorável, com professores que gostem de leitura, que estes orientem e estimulem o contato de seus alunos com obras por meio da biblioteca, para que os livros sejam importantes.

### **Considerações Finais**

Ao longo deste estudo, foi possível compreender que a formação do leitor vai muito além de um processo automático ou repetitivo. Ler, especialmente na infância e na adolescência, envolve uma construção rica e dinâmica, na qual diferentes aspectos — cognitivos, emocionais e sociais — se entrelaçam. A leitura, nesse sentido, não é apenas decodificar palavras, mas dar significado ao mundo a partir delas.

Crianças e adolescentes não leem de forma passiva. Pelo contrário, cada leitura é atravessada por suas vivências, suas referências e suas experiências dentro e fora da escola. É nesse movimento que a interatividade ganha destaque: o leitor dialoga com o



texto, questiona, interpreta e ressignifica, tornando-se protagonista do próprio processo de aprendizagem.

Além disso, habilidades como atenção, memória e capacidade de inferência não atuam isoladamente elas se desenvolvem juntas e são fundamentais para que o estudante avance na compreensão e na reflexão. Esse desenvolvimento não impacta apenas o desempenho escolar, mas contribui para a formação de sujeitos mais críticos, autônomos e conscientes do seu papel na sociedade.

Diante disso, fica claro que pensar a arquitetura da mente leitora é, antes de tudo, olhar para o aluno em sua totalidade. Isso exige práticas pedagógicas mais sensíveis, que considerem o ritmo, as particularidades e as potencialidades de cada estudante. Incentivar a leitura de forma significativa e próxima da realidade dos alunos é um passo essencial para formar leitores que não apenas compreendem textos, mas que também compreendem o mundo ao seu redor.

### Referências

AMORIM, Galeno. **Retratos da leitura no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Imprensa oficial, 2008.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRASIL, Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa, volume 2**. Brasília, MEC/ SEF, 2001.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos se completam**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilhaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**. 1 ed. São Paulo: contexto, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEODORO, Ezequiel. **Produção de leitura na escola**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.